



Mary Stewart
Trilogia de Merlin

*Os três
romances:
A Gruta de Cristal
As Colinas Ocas
O Último Encantamento*

GREG HILDEBRANDT

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Mary Stewart

A GRUTA DE CRISTAL

TRILOGIA DE MERLIN – LIVRO 1



Tradução de ISABEL PAQUET DE ARARIPE

Título Original: The Crystal Cave

Índice

A GRUTA DE CRISTAL

Prólogo - O PRÍNCIPE DAS TREVAS

Livro 1 – A POMBA

Livro 3 - O LOBO

Livro 4 - O DRAGÃO VERMELHO

A lenda de Merlin

Nota da Autora

AS COLINAS VAZIAS

Livro 1 - A ESPERA

Livro 2 - A PROCURA

Livro 3 - A ESPADA

Livro 4 - O REI

A Lenda

Comentário da Autora

Outros Comentários Curtos

O ÚLTIMO ENCANTAMENTO

Livro 1 – DUNPELDYR

Livro 2 – CAMELOT

Livro 3 – APPEGARTH

Notas da Autora

(Mapa)

As Viagens
de Merlin



MERLIN

*Ó Merlin, no fundo de tua gruta,
Imerso no esplendor do cristal,
Haverá um dia um cantador,
Cuja música possa acariciar
Os vincos moldados pelo dedo de Adão
Nas ondas e nas campinas?
Ou um corredor que passe além
Da longa sombra que o homem gerou,
Ao irromper pelo portal da história,
E devolva a maçã à árvore do bem?
Deixará tua mágica um dia entrever
A noiva adormecida no leito,
O dia em guirlandas no seu túmulo de neve
E o Tempo encerrado na própria torre?*

EDWIN MUIR

Prólogo - O PRÍNCIPE DAS TREVAS

Sou AGORA UM VELHO, mas já havia passado, então, o vigor da mocidade quando Arthur foi coroado rei. Os anos que se sucederam parecem-me agora mais vagos e esmaecidos que os primeiros, como se minha vida fosse uma árvore em crescimento que com ele houvesse desabrochado em flores e folhas e agora nada mais lhe restasse que murchar e morrer.

Isto acontece com todos os velhos. O passado recente torna-se impreciso, enquanto que as cenas distantes da memória permanecem nítidas e vivamente coloridas. Até mesmo os acontecimentos da minha infância longínqua voltam-me agora mais claros e intensos, destacando-se contra a luz, como o desenho de uma árvore frutífera numa parede branca, ou bandeiras ao sol num céu de tempestade.

As cores são mais vivas do que eram, disso tenho certeza. As recordações que me ocorrem aqui na escuridão são vistas com os olhos inexperientes da infância; estão tão distantes de mim, a dor ausente, já que se desenrolam como passagens de algo que aconteceu, não comigo, não com o feixe de ossos que essas recordações habitavam, mas com um outro Merlin, jovem, ágil e livre no ar e nos ventos de primavera, como a ave que inspirou meu nome.

Com as recordações posteriores é diferente; voltam-me algumas delas, quentes e sombreadas, cenas vistas nas chamas, pois é aí que as recolho. Este é um dos truques corriqueiros — não posso chamar a isso de poder — que ainda me restam, agora que estou velho e finalmente reduzido à estatura de um homem. Posso ainda vislumbrar... não claramente ou com o toque das trombetas como outrora, mas como um sonho de criança e visões no fogo. Posso ainda fazer com que as chamas se avivem ou se apaguem; é uma das mágicas mais simples, a que se aprende mais facilmente, a última que se esquece. O que não consigo recordar em sonho, vejo nas chamas, no coração rubro do fogo, ou nos inumeráveis reflexos da gruta de cristal.

A primeira recordação é obscura e fugaz. Não é uma recordação propriamente minha, porém mais tarde vocês compreenderão como sei disso. Vocês a chamariam não de uma recordação, antes de um sonho do passado, algo no sangue, algo retirado "dele", talvez, enquanto ainda me guardava no seu corpo. Creio que essas coisas podem ocorrer. Portanto, parece-me certo que deva começar por ele, que estava diante de mim, e estará mais uma vez quando eu me for.

Isto foi o que aconteceu naquela noite. Eu vi, e é uma história verdadeira.

Estava escuro e o lugar era frio, mas ele acendera uma pequena fogueira de gravetos, que fumegava lenta, mas produzia um pouco de calor. Chovera o dia todo; dos galhos junto à entrada da caverna a água ainda escorria, e um filete insistente caía da borda do poço, encharcando a terra. Diversas vezes, inquieto, ele saíra da gruta, e agora caminhava sob o rochedo na direção do arvoredo onde prendera seu cavalo..

À aproximação do anoitecer, a chuva cessara, mas erguera-se uma névoa, que avançava

pelas árvores à altura dos joelhos, fazendo-se parecerem fantasmas, e o cavalo que pastava parecia flutuar como um cisne. Este era cinzento e mais que nunca fantasmagórico, porque pastava tão quieto; ele rasgara um lenço e envolvera o freio com tiras para que o tilintar dos guizos não o traísse. O freio era dourado e as tiras eram de seda, pois ele era filho de um rei. Se o tivessem apanhado, estaria morto. Tinha apenas dezoito anos.

Ouviu o ruído dos cascos de um cavalo que subia do vale. Sua cabeça voltou-se e a respiração tornou-se-lhe ofegante. A espada reluziu ao ser desembainhada. O cavalo cinzento parou de pastar e ergueu a cabeça para fora da névoa. As narinas estremeçeram, mas não emitiu nenhum som. O homem sorriu. O tropel aproximou-se e então, mergulhado até os ombros na névoa, emergiu da penumbra um pônei castanho. Seu cavaleiro, pequeno e esguio, estava envolvido numa capa escura para resguardar-se do sereno. O pônei parou, levantou a cabeça e soltou um longo relincho. O cavaleiro, com uma exclamação de desalento, escorregou da sela e puxou o freio para abafar o som contra a própria capa. Era uma moça, muito jovem, que correu os olhos ao redor, ansiosa, até ver o rapaz de espada na mão, junto às árvores.

— Você parecia uma tropa de cavalaria — disse ele.

— Cheguei aqui antes de dar por mim. Tudo parece estranho, no nevoeiro.

— Ninguém a viu? Chegou a salvo?

— Razoavelmente a salvo. Foi impossível nos últimos dois dias. Eles estavam nas estradas dia e noite.

— Foi o que imaginei. — Sorriu. — Bem, você está aqui, agora. Dê-me as rédeas.

Conduziu o pônei para baixo das árvores e amarrou-o. Então beijou-a.

Passados uns instantes, ela o afastou.

— Eu não deveria ficar. Trouxe as coisas; assim, mesmo que eu não possa vir amanhã...

— Ela parou. Tinha visto a sela no cavalo dele, o freio abafado, a mochila pronta. Suas mãos moveram-se bruscamente apoiando-se no peito do rapaz, que as cobriu com as suas e as apertou. — Ah! — exclamou ela. — Eu sabia. Mesmo em sonho eu já sabia, a noite passada. Você vai partir.

— É preciso. Hoje à noite.

Ela permaneceu silenciosa por um minuto. Então tudo o que disse foi:

— Quanto tempo?

Ele não fingiu não tê-la compreendido.

— Temos uma, duas horas, não mais. Ela declarou, positiva:

— Você voltará. — E quando ele começava a falar: — Não. Não agora, não mais. Já dissemos tudo e já não há muito tempo. Só quis dizer que você estará a salvo e voltará a salvo. Estou-lhe dizendo, sei essas coisas. Tenho vidência. Você voltará.

— Quase não é preciso vidência para me dizer isso. Tenho que voltar. E então talvez você me dê ouvidos...

— Não. — Ela o interrompeu novamente, quase zangada. — Não faz mal. Que importância tem? Só dispomos de uma hora e estamos a desperdiçá-la. Vamos entrar.

Ele já estava retirando a jóia que lhe prendia a capa, ao envolvê-la com os braços e conduzi-la na direção da gruta.

— Sim, vamos entrar.

Livro 1 – A POMBA

1

No DIA em que o meu tio Camlach voltou para casa, eu tinha apenas seis anos de idade.

Lembro-me bem dele como o vi pela primeira vez. Um rapaz alto, irritável como meu avô, olhos azuis e os belos cabelos avermelhados que eu achava tão lindos em minha mãe. Chegou a Maridunum próximo ao pôr do sol, numa tarde de setembro, com uma pequena tropa. Sendo ainda criança, encontrava-me em companhia das mulheres na sala comprida e antiga onde elas teciam. Minha mãe estava ao tear. Lembro-me da fazenda: era púrpura, orlada com um desenho verde e estreito. Eu estava sentado perto dela, no chão, jogando três-marias, a mão direita contra a esquerda. O sol penetrava de viés pelas janelas, formando poças de ouro oblongas no mosaico quebrado do piso; abelhas zumbiam nas plantas do lado de fora e até o ruído do tear parecia sonolento. As mulheres conversavam entre si por sobre os fusos, mas baixinho, as cabeças juntas, e Moravik, minha ama, estava francamente adormecida no seu banquinho, numa das poças de luz solar.

Quando o tropel e a seguir o vozerio se ergueram do pátio, o tear parou abruptamente e com ele a conversa à meia-voz das mulheres. Moravik acordou com um resfôlego, os olhos arregalados. Minha mãe sentou-se muito empertigada, a cabeça erguida, escutando. Deixara cair a lançadeira. Vi seus olhos encontrarem os de Moravik.

Estava a meio caminho da janela quando Moravik me chamou ríspida, e havia alguma coisa na sua voz que me fez parar e voltar sem protesto. Ela começou a remexer na minha roupa, endireitando a túnica e alisando meu cabelo, e isso me fez compreender que o visitante era alguém de importância. Senti-me ansioso e também surpreso de que aparentemente fosse ser apresentado a ele; estava acostumado a ser mantido fora de vista, naquele tempo. Permaneci de pé pacientemente enquanto Moravik passava o pente pelo meu cabelo; sobre minha cabeça ela e minha mãe trocaram palavras rápidas e ofegantes que, mal prestando atenção, não compreendi. Eu estava escutando o tropel dos cavalos no pátio e os gritos dos homens, e aqui e ali chegavam-me claramente palavras numa língua que não era nem gaélico nem latim, mas celta com um certo sotaque da Bretanha Menor, que eu entendia porque minha ama, Moravik, era bretã e sua língua me ocorria tão prontamente quanto a minha própria.

Ouvi a gargalhada ruidosa do meu avô e outra voz a responder. Então ele devia ter levado o recém-chegado para dentro porque as vozes se distanciaram, deixando apenas o tilintar e o pisotear dos cavalos que eram conduzidos aos estábulos.

Desvencilhei-me de Moravik e corri para minha mãe.

— Quem é?

— Meu irmão Camlach, filho do Rei. — Ela não olhou para mim, mas apontou para a lançadeira caída. Apanhei-a e entreguei-lha. Lenta e um tanto mecanicamente, ela pôs o tear

outra vez em movimento.

— A guerra terminou então?

— A guerra terminou há muito tempo. Seu tio tem estado com o Suserano, no Sul.

— E agora ele precisa voltar para casa, porque o meu tio Dyved morreu? — Dyved fora o herdeiro, o filho mais velho do Rei. Morrera subitamente e em meio a grande sofrimento, de câibras no estômago e Elen, sua viúva, que não tinha filhos, voltara para junto do pai. Naturalmente houvera a costumeira conversa sobre envenenamento, mas ninguém a levava a sério. Dyved era muito querido, um guerreiro destemido e um homem prudente e generoso quando devia. — Dizem que ele vai ter de casar-se. — Vai, mãe? — Eu estava empolgado, sentindo-me importante em saber tanto, pensando na festa de casamento. — Vai-se casar com Keridwen, agora que o tio Dyved...

— *O quê?* — A lançadeira parou e ela voltou-se espantada. Mas o que viu no meu rosto acalmou-a, porque a raiva desapareceu de sua voz, ainda que mantivesse o cenho franzido, e ouvi Moravik casquinar e mexer-se atrás de mim. — Onde foi descobrir isso? Você ouvi demais, quer entenda ou não. Esqueça-se desses assuntos e fique calado. — A lançadeira moveu-se outra vez, lentamente. — Ouça, Merlin. Quando eles vierem vê-lo, você fará melhor se ficar calado. Compreende?

— Sim, mãe — Compreendera muito bem. Eu estava bastante habituado a me manter fora do caminho do Rei. — Mas eles virão ver-me? Por que a mim?

Ela respondeu com uma ponta de amargura que a fez parecer *A* repente mais velha, quase tão velha quanto Moravik:

— Por que você acha que é?

O tear bateu outra vez com força. Ela estava colocando o fio de e eu via que estava cometendo um engano, mas parecia boto de modo que não disse nada, observando-a e mantendo-me junto a ela, até que finalmente a cortina do portal foi puxada para um lado e os dois homens entraram.

Pareciam encher o aposento, a cabeça ruiva e a grisalha a trinta centímetros das vigas. Meu avô usava um traje azul orlado de ouro. Camlach estava de preto. Mais tarde, eu iria descobrir que ele sempre se vestia de preto; trazia jóias nas mãos e no ombro e junto ao pai parecia franzino e jovem, mas astucioso e vivo como uma raposa.

Minha mãe ergueu-se. Trajava um vestido caseiro castanho-escuro, cor de turfa e, em contraste, seu cabelo brilhava como barba de milho. Mas nenhum dos dois homens olhou para ela. Pensar-se-ia que não havia ninguém na sala exceto eu, pequeno como era, junto ao tear.

Meu avô sacudiu a cabeça e disse uma palavra: — "Fora", e as mulheres se apressaram num grupo fáfalhante e mudo para fora do quarto. Moravik manteve-se firme, impada de coragem como uma perdiz, mas os aterradores olhos azuis faiscaram na sua direção por um segundo e ela partiu. Uma fungadela ao passar por eles foi tudo o que ousou. Os olhos voltaram-se para mim.

— O bastardo de sua irmã — disse o Rei. — Aí está. Faz seis anos este mês, alto como um coqueiro e nada parecido com nenhum de nós, como seria de esperar de um filho maldito

do diabo. Olhe para ele! Cabelos pretos, olhos pretos e com tanto medo de ferro frio quanto um aleijão das montanhas ocas([11](#)). Se você me disser que o próprio diabo gerou esse aí, eu acreditarei!

Meu tio só disse uma palavra, diretamente a ela:

— De quem?

— Você acha que não perguntamos, seu idiota? — exclamou meu avô. — Ela foi chicoteada até que as mulheres disseram que abortaria, mas nunca extraímos uma só palavra dela. Era melhor que tivesse falado, talvez...e quanta tolice diziam, histórias da carochinha sobre demônios que aparecem na escuridão para se deitarem com jovens donzelas...e pelo aspecto dele bem poderiam ter razão.

Camlach, um metro e oitenta, louro, baixou os olhos para mim. Eram azuis, claros como os de minha mãe, o colorido vivo. A lama de suas botas macias de couro de corça secara, tornando-se amarelada e ele cheirava a suor e a cavalos. Viera ver-me, mesmo antes de sacudir a poeira da viagem. Lembro-me de como me observou, enquanto minha mãe se mantinha silenciosa e meu avô carregava o sobrolho, a respiração dissonante e acelerada, como sempre fazia quando se deixava arrebatado.

— Venha aqui — disse meu tio.

Adiantei-me meia dúzia de passos. Não ousava chegar mais perto. Parei. A três passos de distância ele parecia mais alto que nunca. Erguia-se acima de mim até às vigas do teto.

— Qual é o seu nome?

— Myrddin Emrys.

— Emrys? Filho da luz, propriedade dos deuses...? Isto dificilmente seria o nome para um filho do demônio.

A suavidade do seu tom encorajou-me.

— Chamam-me de Merlinus — aventurei. — É o nome romano do falcão, o *cornwalch*.

Meu avô vociferou:

— Falcão! — e fez um som de desprezo sacudindo seus braceletes, fazendo-os tilintar.

— Um pequenininho — disse eu, defensivo. Então, calei sob o olhar pensativo do meu tio. Ele alisou o queixo, olhando para minha mãe com as sobrancelhas erguidas. — Escolhas estranhas, todas elas, para um lar cristão. Um demônio romano, talvez, Niniane?

Ela ergueu o queixo.

— Talvez. Como posso saber? Estava escuro.

Achei que um ar divertido passou fugaz pelo rosto dele, mas o Rei baixou o braço, num gesto violento.

— Você vê? É tudo o que vai obter: mentiras, contos de bruxaria, insolência! Volte para o seu trabalho, menina, e mantenha esse bastardo fora da minha vista! Agora que seu irmão está

em casa, vamos arranjar um homem que tire vocês dois do meu caminho e do dele! Camlach, espero que você perceba a sensatez de arranjar uma esposa e um filho ou dois, já que é só isso que me restou!

— Oh, eu sou a favor — disse Camlach, de boa vontade. A atenção deles desviou-se de mim. Iam-se embora e nenhum dos dois me tocara. Descerrei as mãos e recuei devagarinho, meio passo, depois outro. — Mas o senhor arranjou uma nova rainha nesse meio tempo, senhor, e dizem-me que está grávida.

— Não se importe com isso. Você deverá casar, e logo. Sou homem velho, e estes são tempos tumultuados. Quanto ao _{to} _ fiquei gelado outra vez — esqueça-o. Quem quer que o tenha gerado, se não apareceu em seis anos, não vai fazê-lo agora. E se tivesse sido o próprio Vortigern, o Suserano, não poderia fazer nada com ele. Um pirralho intratável que se esquia sozinho pelos cantos. Nem mesmo brinca com os outros meninos tem medo, provavelmente. Medo da própria sombra.

Afastou-se. Os olhos de Camlach encontraram os de minha mãe sobre minha cabeça. Trocaram alguma mensagem. Então ele olhou para mim novamente e sorriu.

Ainda me lembro de como a sala pareceu iluminar-se, embora o sol já tivesse desaparecido e com ele o seu calor. Logo estariam trazendo as lamparinas.

— Bem, — disse Camlach, — não passa de um falcão implume, afinal de contas. Não seja muito severo com ele, senhor. O senhor já assustou homens maiores que ele durante a vida.

— Refere-se a si próprio? Hah!

— Asseguro-lhe que sim.

O Rei, no portal, encarou-me por um instante com o cenho franzido, e então com um bufo de impaciência ajeitou o manto sobre o braço.

— Bem, deixe estar. Deus meu, como estou faminto! Já passa muito da hora da ceia. Mas suponho que vá querer-se meter de molho primeiro, nessa maldita moda romana. Previno-o de que nunca mandei acender as caldeiras desde que partiu...

Voltou-se com um rodopio do manto azul e saiu, ainda falando. Atrás de mim, ouvi minha mãe suspirar e o farfalhar do seu vestido ao sentar-se. Meu tio estendeu a mão para mim.

— Venha, Merlinus, e converse comigo enquanto me banho nessa sua água fria galesa. Nós, príncipes, precisamos conhecer-nos um ao outro.

Continuei pregado no chão. Estava consciente do silêncio de minha mãe e de quão imóvel ela se mantinha.

Venha — disse meu tio, carinhoso, e sorriu-me outra vez. Corri para ele.

Estive no hipocausto aquela noite.

Era o meu caminho particular, meu esconderijo secreto, para onde podia fugir dos meninos maiores e entregar-me às minhas brincadeiras solitárias. Meu avô acertara quando dissera que eu me "esquivava sozinho pelos cantos", mas isso não era por medo, embora os

filhos dos seus fidalgos seguissem seu exemplo — como fazem as crianças — tornando-me o alvo dos seus jogos de guerra violentos, sempre que conseguiam apanhar-me.

A princípio, é verdade, os túneis do sistema de aquecimento em desuso eram um refúgio, um lugar secreto onde podia esconder-me e ficar sozinho; mas logo descobrira um prazer curiosamente intenso em explorar o grande sistema de câmaras escuras, cheirando a terra, sob o assoalho do palácio.

O palácio do meu avô fora em tempos passados uma grande casa de campo, propriedade de algum notável romano que possuía e levava a terra por diversas milhas ao longo do vale do rio. A parte principal da casa permanecia de pé, embora muito marcada pelo tempo e pela guerra, e por, no mínimo, um incêndio desastroso que destruíra uma extremidade do bloco principal e parte de uma ala. O antigo alojamento dos escravos ainda se conservava intacto ao redor do pátio, onde os cozinheiros e os criados da casa trabalhavam, e a casa de banho ainda existia, apesar de remendada e rebocada, e com o telhado colmado nas partes mais estragadas. Nunca me lembro de ter visto a caldeira funcionar; a água era aquecida nos fogos do pátio.

A entrada para o meu labirinto secreto era a abertura da fornalha: um alçapão na parede sob a caldeira rachada e enferrujada, que mal chegava aos joelhos de um homem adulto, e oculto por gravetos e urtigas e um grande pedaço de metal curvo desprendido da própria caldeira. Uma vez no interior, podia-se penetrar sob os quartos da casa de banho, mas esta estivera fora de uso por tanto tempo que o espaço sob o piso estava entulhado e malcheiroso demais até para mim. Segui para o outro lado sob o bloco principal do palácio. Ali o velho sistema de ar quente fora tão bem construído e conservado que, mesmo agora, o espaço da altura dos joelhos sob o assoalho era seco e arejado e o reboco ainda adería às pilastras de tijolos que sustentavam o piso superior. Em alguns lugares, naturalmente, uma pilastra ruía ou havia destroços caídos, mas os alçapões que levavam de uma câmara para outra estavam solidamente arqueados e seguros e eu podia engatinhar livremente, sem ser visto ou ouvido, até à própria câmara do Rei.

Se algum dia me tivessem descoberto, creio que receberia um castigo muito pior que uma surra: devo ter ouvido, bastante inocentemente, dezenas de conselhos secretos e com certeza ocorrências muito privadas, mas esta faceta nunca me ocorreu. E era bastante natural que não se pensasse nos perigos de alguém estar à escuta; antigamente as tubulações eram limpas por escravos-meninos e ninguém muito acima de dez anos poderia jamais ter passado por algumas das partes da construção; havia um ou dois lugares onde a esmo eu tinha dificuldade em me esgueirar. Só uma vez estive em perigo de ser descoberto: uma tarde em que Moravik supôs e que eu estivesse brincando com os garotos e eles por sua vez pensaram que eu estivesse a salvo em companhia dela. O ruivo Dinias, meu principal atormentador, deu tal empurrão num menino mais novo da viga central do telhado onde brincavam, que este caiu e partiu uma perna, fazendo um alarido tal que Moravik, acorrendo à cena, notou minha ausência e pôs o palácio em polvorosa. Ouvei o barulho e emergi sem fôlego e sujo, de sob a caldeira, na hora em que ela começava uma busca pela ala da casa de banho. Preguei uma mentira e escapei com uns sopapos e uma reprimenda, mas aquilo foi um aviso; nunca mais fui ao hipocausto durante o dia, somente à noite antes que Moravik fosse deitar-se, ou uma ou duas vezes quando eu estava sem sono e ela já estava na cama a ressonar. A maior parte do palácio estaria também já deitada, então, mas quando havia festa, ou quando meu avô recebia convidados, eu

escutava o barulho das vozes e os cantos; e às vezes arrastava-me até à câmara de minha mãe para ouvir o som de sua voz quando conversava com as mulheres. Uma noite ouvi-a rezar, alto, como fazemos às vezes a sós, e na oração aparecia o meu nome "Emrys" e a seguir suas lágrimas. Depois disso, mudei de rumo, passando pelos aposentos da Rainha, onde quase todas as noites Olwen, a jovem Rainha, cantava com suas damas acompanhando-se na harpa, até que os passos pesados do Rei fossem ouvidos no corredor; aí a música parava.

Mas não era por nenhuma dessas coisas que eu ia lá. O que me importava — vejo claramente agora — era estar sozinho na escuridão secreta, onde um homem é senhor de si mesmo, e de tudo, exceto da morte.

A maioria das vezes eu me dirigia ao que denominava minha “gruta”. Esta fizera parte de alguma chaminé principal e seu topo ruíra, deixando entrever o céu. Exercia uma certa magia sobre mim desde o dia em que eu olhara para cima ao meio-dia e vira, pálida mas inconfundível, uma estrela. Agora, quando entrava lá, a noite, enroscava-me na cama de palha roubada aos estábulos e contemplava as estrelas a deslocarem-se lentamente pelo firmamento, e fazia minha aposta com o céu: se a lua aparecesse sobre a chaminé enquanto eu estava ali, o dia seguinte me traria a realização do meu maior desejo.

A lua estava lá aquela noite. Cheia e brilhante, aparecia nítida bem no centro da chaminé, a claridade a cair sobre o meu rosto voltado para cima; tão branca e pura que parecia que eu a sorvia como água. Não me movi até que desaparecesse, assim como a pequena estrela que a acompanha.

No caminho de volta, passei sob um aposento que estivera vazio anteriormente e que agora continha vozes.

O quarto de Camlach, com certeza. Ele e outro homem cujo nome eu desconhecia, mas que pelo sotaque era um dos que chegaram naquele dia; e eu descobrira que tinham vindo de Cornwall. Possuía uma dessas vozes grossas e retumbantes das quais eu só apanhava uma palavra aqui, outra ali, enquanto engatinhava, rápido, insinuando-me entre as pilastras, preocupado apenas em não ser ouvido.

Estava mesmo na parede do fundo, apalpando-a à procura da brecha em arco que dava para a câmara seguinte, quando meu ombro bateu numa seção quebrada de chaminé e um pedaço de barro solto caiu com um ruído.

A voz que falava corno parou abruptamente:

— O que é isso?

Então a voz do meu tio veio tão clara pela chaminé partida que se poderia pensar que falava ao meu ouvido:

— Nada. Um rato. Veio de baixo do assoalho. Pode crer que este lugar está caindo aos pedaços.

Ouvi o som de uma cadeira sendo arrastada e passos que atravessavam o quarto afastando-se de mim. A voz distanciou-se. Pensei ouvir o tinido e o borbulhar de uma bebida ao ser servida. Comecei a avançar muito devagarinho ao longo da parede em direção ao alçapão.

Ele voltava.

—... E mesmo se ela o recusar, não fará diferença alguma. Ela não vai ficar aqui. Seja como for, não por mais tempo do que meu pai consiga afastar o bispo e mantê-la junto a si. Pode estar certo de que, tendo ela o pensamento fixo como tem naquilo que denomina uma corte mais alta, nada tenho a temer, mesmo se ele próprio aparecesse.

— Conquanto você acredite nela.

— Oh, acredito nela! Estive indagando aqui e ali e todos dizem o mesmo. — Riu. — Quem sabe, talvez ainda venhamos a agradecer o fato de termos uma voz nessa corte celestial antes que nosso jogo chegue ao fim. E ela é bastante devota para nos salvar a todos, dizem, se ao menos se dispuser a fazê-lo.

— Talvez você ainda venha a precisar — disse o homem de Cornwall.

— Talvez.

— E o menino?

— O menino? — repetiu meu tio. Fez uma pausa, e em seguida os passos leves retomaram seu passeio. Esforcei-me por ouvir. Precisava ouvir. Por que teria importância, eu mal sabia. Não me preocupava muito em ser chamado de bastardo ou covarde, ou de cria do diabo. Mas naquela noite aparecera aquela lua cheia.

Ele fizera meia-volta. Sua voz me chegava clara, descuidada, mesmo indulgente.

— Ah, sim, o menino. Uma criança inteligente, pode-se ver, com mais capacidade do que lhe atribuem... é bastante simpático, se lhe falam como devem. Vou mantê-lo junto a mim. Lembre-se disso, Alun. Gosto do menino...

Chamou então um criado para reabastecer a jarra de vinho e, aproveitando a cobertura, arrastei-me para fora.

Aquilo foi o começo. Durante dias segui-o por toda parte e ele tolerava e até me encorajava, e nunca me ocorreu que um homem de vinte e um anos nem sempre apreciaria ter um filhote de seis a trotar a seu lado. Moravik ralhava-me quando conseguia apanhar-me mas minha mãe parecia satisfeita e aliviada, e disse a ela que me deixasse em paz.

Fora um verão quente e havia paz aquele ano; assim, nos primeiros dias do seu regresso, Camlach ficou descansando ou passeando a cavalo com o pai ou com seus homens, pelas plantações e pelos vales onde as maçãs caíam maduras das árvores.

O Sul do País de Gales é uma terra linda, com montanhas verdejantes e vales profundos, baixadas douradas de flores onde o gado prospera, florestas de carvalho coalhadas de veados, e terras altas azuladas onde o cuco canta na primavera, mas onde, chegado o inverno, correm os lobos, em meio à neve.

Maridunum encontra-se no ponto onde o estuário se abre para o mar, às margens do rio denominado Tobius nos mapas militares mas que os galeses chamam de Tywy. Ali o vale é plano e extenso, e o Tywy corre em meandros profundos e tranqüilos por brejos e baixadas entre suaves colinas. A cidade ergue-se no terreno elevado da margem norte, onde a terra é drenada e seca; é ligada ao interior pela estrada militar de Caerleon e ao sul por uma boa ponte de pedra de três vãos da qual sai uma rua pavimentada que sobe à praça, passando pelo palácio do Rei. Além da casa do meu avô e da caserna da fortaleza romana onde alojava seus soldados, e que mantinha em bom estado, o melhor prédio de Maridunum era o convento cristão próximo ao palácio, sobre a margem do rio. Algumas mulheres santas ali viviam, denominando-o Comunidade de São Pedro, embora a maioria da gente da cidade conhecesse o local como Tyr Myrddin, nome derivado do velho santuário do deus que existia desde tempos imemoráveis, sob um carvalho, não longe do portão de São Pedro. Mesmo quando eu era criança ouvi a própria cidade ser chamada de Caer-Myrddin. Não é verdade (como dizem agora) que lhe tenham dado esse nome em minha homenagem. O fato é que tanto eu quanto a cidade, a colina além e a fonte sagrada recebemos o nome do deus que é cultuado nos lugares altos. A partir dos acontecimentos que irei descrever, o nome da cidade foi publicamente mudado em minha honra, mas o deus já lá estava, e se agora tenho a sua colina é porque a compartilho com ele.

A casa do meu avô erguia-se em meio a um pomar ao lado do rio. Subindo-se por uma macieira curvada ao topo da muralha, podia-se sentar acima do caminho de reboque e observar a ponte fluvial, ver as pessoas que chegavam do sul ou os navios que subiam com a maré.

Ainda que não me fosse permitido subir nas árvores para colher maçãs — devendo contentar-me com as frutas derrubadas pelo vento — Moravik nunca me impediu de subir ao alto da muralha. Quando mandava que me postasse ali de sentinela, significava que ouvira falar de visitas antes de qualquer outra pessoa do lugar. Havia um pequeno terraço elevado ao fim do pomar com um muro arredondado ao fundo, e um banco de pedra abrigado do vento — onde ela se sentava cochilando sobre o fuso, enquanto o sol batia no canto com tanta intensidade, que os lagartos fugiam para debaixo das pedras, e eu gritava-lhe as notícias do alto da muralha.

Numa tarde quente, cerca de oito dias após a chegada de Camlach a Maridunum, estava

eu no meu posto, como de costume. Não havia movimento na ponte ou na estrada do vale, apenas uma barçaça local de cereais carregando no cais, observada por um punhado de desocupados, e um velho com um capuz que por ali se achava apanhando as frutas caídas junto à muralha.

Olhei de esguelha para o canto de Moravik. Estava adormecida, o fuso caído ao colo, mais parecendo um junco aberto com sua lã felpuda. Atirei fora a fruta mordida, que estivera comendo e inclinei a cabeça para estudar os galhos proibidos do topo da árvore, onde bolas amarelas pendiam em cachos contra o céu. Havia uma que eu pensava poder alcançar. O fruto era redondo e lustroso, amadurecendo quase visivelmente ao calor do sol. Fiquei com a boca cheia de água. Procurei um apoio para o pé e comecei a subir.

Estava a dois galhos de distância da fruta quando um grito vindo da ponte, seguido de um tropel rápido e um tilintar de metais me fez parar. Agarrando-me como um macaco, certifiquei-me da posição dos pés, então estendi o braço para afastar as folhas, espreitando na direção da ponte. Um grupo de homens a cavalo lha sobre a ponte, na direção da cidade. Um deles, montado mm grande cavalo castanho, vinha sozinho à frente, a cabeça descoberta.

Não era Camlach, nem meu avô; e nenhum dos fidalgos, pois aqueles homens usavam cores que eu desconhecia. Então, ao alcançarem a extremidade mais próxima da ponte, vi que o que vinha à frente era um estranho de cabelos e barba pretos, parecendo pelas roupas estrangeiro, e algo de ouro cintilava-lhe no peito. As guarnições de seus punhos, de um palmo de comprimento, também eram de ouro. Sua tropa, segundo calculei, teria uns cinquenta homens.

O rei Gorlan de Lanascal. De onde me veio o nome claro, isento de dúvida, não tenho idéia. Algo ouvido no meu labirinto, talvez? Uma palavra descuidada ao alcance dos ouvidos de uma criança, um sonho talvez? Os escudos e as pontas das lanças, refletidos ao sol, cegaram-me os olhos. Gorlan de Lanascal. Um rei. Vindo para casar com minha mãe e levar-me com ele para além-raar. Ela seria rainha. E eu...

Ele já conduzia o cavalo para a colina. Comecei a escorregai e debater-me pela árvore abaixo.

E se ela o recusar? Reconhecia aquela voz; era a do homem de Cornwall. E a seguir a do meu tio: *Mesmo que ela o faça, não fará muita diferença... Nada tenho a temer, mesmo se ele próprio viesse...*

A tropa atravessava calmamente a ponte. O tilintar das armas e o martelar dos cascos ecoavam na quietude da tarde.

Ele viera pessoalmente. Estava ali.

A uns trinta centímetros do cimo da muralha perdi pé e quase caí. Felizmente consegui agarrar-me e escorreguei a salvo para o topo, numa chuva de folhas e musgo no momento em que a voz de minha ama gritava aguda:

— Merlin? Merlin? Deus nos salve, onde está o menino?

— Aqui, aqui, Moravik, estou descendo.

Aterrissei na grama alta. Ela largara o fuso e, arrepanhando as saias, veio a correr.

— O que é que está acontecendo na estrada do rio? Ouvi cavalos, uma tropa inteira, pelo barulho... Por todos os santos, criança, olhe sua roupa! E consertei sua túnica ainda esta semana e olhe agora para ela! Um rasgão em que se poderia enfiar um braço e sujeira da cabeça aos pés como um filho de mendigo!

Desviei-me quando ela avançou para mim.

— Caí. Sinto muito. Estava descendo para lhe vir contar. K uma tropa montada. Estrangeiros! Moravik, é o rei Gorlan de Lanascol! Ele tem uma capa vermelha e a barba preta!

— Gorlan de Lanascol? Ora, não são nem vinte milhas do lugar onde nasci! Para que estaria ele aqui, pergunto eu?

Arregalei os olhos.

— Você não sabe? Veio para casar com minha mãe.

— Tolices!

— É verdade!

— Claro que não é verdade! Você acha que eu não saberia? Você não deve dizer essas coisas, Merlin, poderia criar problemas. Onde foi que ouviu isso?

— Não me lembro. Alguém me disse. Minha mãe, acho eu. _ Não é verdade e você sabe disso.

— Então devo ter ouvido alguma coisa.

— Ouvido alguma coisa, ouvido alguma coisa. Coelhinhos têm relhas compridas, dizem. As suas devem estar sempre no chão, você ouve tanto! De que é que está rindo? _ De nada. Ela pôs as mãos nos quadris.

— Você tem estado a escutar o que não devia. Já lhe disse isso antes. Não admira que as pessoas digam o que dizem.

Geralmente eu desistia e saía devagarinho do terreno perigoso quando deixava escapar demais, mas a excitação me tornara imprudente.

— É verdade, você vai ver como é verdade! Faz diferença onde foi que ouvi? De fato, não consigo lembrar-me agora, mas sei que é verdade! Moravik...

— Que é?

— O rei Gorlan é meu pai, o meu pai de verdade.

— *O quê?* Desta vez a exclamação saiu afiada como o dente de uma serra.

— Você não sabia? Nem você?

— Não, não sabia. Nem você tampouco. E se você pensar em dizer isso a alguém... E como é que sabe o nome? — Ela agarrou-me pelos ombros e me deu uma sacudidela. — Como é que você sabe que esse é o rei Gorlan? Nada se disse sobre a sua vinda, nem para mim.

— Já lhe disse. Não me lembro o que ouvi nem onde. Ouvi o nome dele em algum lugar, é só isso, e sei que ele vem visitar o Rei por causa de minha mãe. Vamos para a Bretanha Menor, Moravik, e você pode vir conosco. Você gostará, não? Talvez fiquemos perto

Seu aperto intensificou-se e eu parei. Com alívio vi um dos criados do Rei vir correndo em nossa direção, sob as macieiras. Chegou arquejando.

— É para ele comparecer perante o Rei. O menino. Na grande sala. E depressa!

— Quem é? — perguntou Moravik.

— O Rei disse para se apressar. Procurei o menino por toda parte...

— *Quem é?*

— O rei Gorlan da Bretanha.

Ela deixou escapar um assovio como o de um ganso assustado e baixou os braços.

— O que é que ele quer com o menino?

— Como vou saber? — O homem estava sem fôlego, fazia calor e ele era corpulento. Foi ríspido com Moravik, cuja condição como minha ama era apenas um pouquinho superior à dos criados, que a minha própria. — Só o que sei é que mandaram chamar Ladv Niniane e o menino, e no meu entender haverá pancadaria para alguém, se ele não estiver lá na hora em que o Rei o procurar. Ele está muito agitado desde que os forasteiros chegaram, isso eu lhe posso garantir.

— Está bem, está bem. Volte e diga que estaremos lá em poucos minutos.

O homem saiu a correr. Ela voltou-se para mim e segurou-me pelo braço.

— Queridos santos do céu! — Moravik possuía a maior coleção de amuletos e talismãs de Maridunum, e eu nunca a vira passar por um santuário na estrada sem prestar a sua homenagem a qualquer que fosse a imagem que o habitasse, mas oficialmente era cristã e, quando em dificuldades, uma cristã das mais devotas. — Doce querubim! E a criança teve que escolher esta tarde para vestir esses andrajos! Ande depressa agora, senão haverá confusão para nós dois. — Empurrou-me pelo caminho que conduzia à casa, ocupando-se em apelar para os seus santos e a apressar-me, recusando-se sequer a comentar o fato de que eu estava certo quanto ao recém-chegado. — Querido, querido São Pedro, por que fui comer aquelas enguias no almoço e dormir um sono tão pesado? Logo hoje! Vamos... — ela me empurrou à sua frente para o quarto. — Tire esses farrapos e vista sua túnica boa e logo saberemos para que o Lorde mandou chamá-lo. Depressa, criança!

O quarto que eu compartilhava com Moravik era pequeno, escuro e próximo aos aposentos dos criados. Cheirava sempre a comida em preparação na cozinha, mas eu gostava, assim como gostava da velha pereira coberta de líquens que pendia junto à minha janela, onde os passarinhos se balançavam a cantar nas manhãs de verão. Minha cama ficava sob a janela. A cama não passava de tábuas simples colocadas sobre blocos de madeira, sem entalhes, e não tinha cabeceira ou pés. Eu ouvira Moravik para os outros criados, quando pensava que eu não estivesse ouvindo, que aquilo dificilmente seria um lugar próprio para alojar o neto de um rei, mas para mim ela apenas dizia que lhe era conveniente estar perto dos outros criados; e

realmente era bastante confortável, pois ela providenciara para que eu tivesse colchão de palha limpa e uma colcha de lã tão boa quanto as da cama de minha mãe no grande quarto pegado ao do meu avô. A própria Moravik tinha um colchão no chão, próximo à porta que era às vezes compartilhado por um grande cão-lobo, que e remexia e coçava as pulgas aos seus pés e, às vezes, por Cerdic, um dos valetes, saxão aprisionado numa sortida há muito tempo que se acomodara casando-se com uma das moças locais. Ela morrerá ao dar à luz um ano mais tarde, e a criança com ela, mas ele continuava, aparentemente, bastante satisfeito. Certa vez, perguntei a Moravik por que permitia que o cão dormisse no quarto, quando ela reclamava tanto do cheiro e das pulgas; não me lembro o que respondeu, mas sabia sem precisar que me dissessem que ele estava ali para dar aviso se alguém entrasse no quarto durante a noite. Cerdic, naturalmente, era exceção; o cão o aceitava sem maior acolhida que o bater de sua cauda no chão e cedia-lhe seu lugar na cama. De certa maneira, suponho eu, Cerdic preenchia a mesma função que o cão de guarda, além de outras. Moravik nunca o mencionava, e nem eu tampouco. Supõe-se que uma criança pequena tenha sono muito pesado, mas mesmo então, novo como eu era, acordava às vezes no meio da noite, e ficava muito quieto, observando as estrelas pela janela, engastadas como peixes de prata cintilantes na rede dos galhos da pereira. O que se passava entre Cerdic e Moravik nada mais significava para mim, além do fato de que ele ajudava a guardar minhas noites, como ela o fazia durante o dia.

Minhas roupas eram guardadas numa arca de madeira colocada junto à parede. Era muito velha e formada por painéis pintados com cenas de deuses e deusas, e acho que originalmente viera de Roma. Agora a pintura estava suja, desbotada e descascada, mas sobre a tampa ainda se podia ver, como sombras, uma cena num lugar que parecia uma gruta; havia um touro e um homem com uma faca e alguém segurando um feixe de milho e, a um canto, outra figura quase apagada com raios em volta da cabeça como o sol e um cajado na mão. A arca era revestida de cedro, Moravik lavava ela própria minhas roupas, guardando-as com ervas perfumadas do jardim

Ela levantou com tanta força a tampa que esta bateu contra a parede, e retirou a melhor das minhas duas túnicas, a verde orlada de púrpura. Gritou pedindo água, e uma das criadas veio correndo, e foi repreendida por derramá-la no chão.

O criado gordo chegou arquejante outra vez para nos dizer que devíamos-nos apressar, e foi repreendido pelo seu zelo, mas em poucos instantes fui outra vez empurrado pela colunata e pelo grande portal em arco até à parte principal da casa.

O salão onde o Rei recebia visitas era comprido e alto, e o chão de pedra preta e branca emoldurava um mosaico de um deus com um leopardo. Estava muito marcado e partido pelo arrastar da mobília pesada e o constante vaivém das botas. Um lado do salão abria para a colunata e no inverno era ali acesa uma fogueira no chão nu, dentro de uma cerca solta de pedras. O chão e as pilastras próximas estavam enegrecidos de fumaça. Na extremidade mais distante da sala erguia-se uma plataforma com a grande cadeira do meu avô e, ao lado, uma menor para a Rainha.

Ele estava sentado lá agora com Camlach de pé à sua direita e a esposa, Olwen, sentada à esquerda. Era sua terceira esposa e mais jovem que minha mãe, uma moça de cabelos escuros, calada e um tanto estúpida, a pele como leite novo, as tranças a caírem-lhe pelos

joelhos, que sabia cantar como um pássaro e fazer lindos trabalhos de agulha, mas pouco mais que isso. Minha mãe, creio eu, a apreciava tanto quanto a desprezava. De qualquer forma, contra todas as expectativas, davam-se toleravelmente bem, e eu ouvira Moravik dizer que a vida para minha mãe tornara-se bem mais fácil desde que a segunda mulher do Rei, Gwynneth, falecera há um ano atrás, e, em menos de um mês, Olwen tomara seu lugar na cama do Rei. Ainda que Olwen me desse uns tapas e caçoasse de mim como Gwynneth fazia, eu teria gostado dela por sua música; mas era sempre gentil no seu modo distante e plácido, e quando o Rei estava fora do caminho ensinava-me algumas notas e deixara-me mesmo usar sua harpa até que eu aprendesse a tocar alguma coisa. Eu tinha sensibilidade, dissera ela, mas ambos sabíamos o que o Rei diria de tal loucura, de modo que sua bondade era segredo até para minha mãe.

Ele não reparou em mim agora. Ninguém reparou, exceto meu primo Dinias, que estava postado junto à cadeira de Olwen na plataforma. Dinias era filho bastardo de meu avô com uma escrava. Era um menino grande, de sete anos, com os cabelos do pai e o mesmo gênio explosivo, forte para sua idade e bastante valente, e sempre gozara da preferência do Rei desde o dia em que, com cinco anos, cavalgara escondido um dos cavalos do pai, um potro castanho selvagem que desembestara com ele pela cidade e que só se livrara do menino quando este conseguiu dominá-lo passando por um barranco que lhe chegava à altura do peito. O pai surrará-o pessoalmente e depois presenteará-o com uma adaga de punho dourado. Dinias reivindicara o título de príncipe — pelo menos entre o resto da criançada — desde então, e tratava-me a mim seu companheiro de bastardia, com o máximo desprezo. Encarava-me agora tão impassível quanto uma pedra, mas sua mão esquerda — a mais distante do pai — fez um gesto grosseiro, e então deu um corte para baixo, silencioso e expressivo.

Eu parara no portal, e por trás de mim minha ama ajeitou-me a túnica e deu-me um empurrão entre as espáduas.

— Vá agora. Endireite-se. Ele não vai comê-lo.

E como a desmentir isso ouvi o tilintar dos amuletos e o começo de uma prece murmurada.

A sala estava repleta. Muitos eu conhecia mas havia ali estranhos que deviam fazer parte da comitiva que eu vira chegar. O líder sentava-se próximo à direita do Rei, cercado por seus homens. Era o homem corpulento e escuro que eu vira na ponte, barbudo, com um nariz agressivo e adunco e pernas grossas envoltas numa capa de púrpura. Do outro lado do Rei, mas de pé, abaixo do estrado, minha mãe com duas das suas damas. Eu adorava vê-la como agora, vestida como uma princesa, a túnica longa de lã cremosa caindo até o chão como uma escultura de madeira verde. O cabelo solto cascadeava-lhe pelos ombros como chuva. Trazia um manto azul com um broche de cobre. Seu rosto estava pálido e completamente imóvel.

Eu, preocupado com os próprios receios — o gesto de Dinias, o rosto desviado e os olhos baixos de minha mãe, o silêncio dos presentes, e o centro vazio da sala por onde devia passar, — nem olhara para o meu avô. Dera um passo à frente ainda sem ser notado, quando subitamente, com um estrondo de um cavalo que escoiceasse, ele bateu com as palmas das mãos contra os braços da cadeira e pôs-se de pé tão violentamente que fez a pesada peça recuar e os pés arranharem as pranchas de carvalho da plataforma.

— Pela luz! — Seu rosto estava malhado de vermelho e as sombrancelhas ruivas franzidas em nós de carne acima dos olhos azuis miúdos e furiosos. Encarou minha mãe e tomou tal fôlego para falar que podia ser distintamente ouvido na porta onde eu parara, receoso. Então, o homem barbudo, que se erguera ao mesmo tempo, disse alguma coisa com um sotaque que não percebi, e Camlach segurou-lhe o braço com um cochicho. O Rei parou, e exclamou numa voz pastosa: — Como quiser. Mais tarde. Leve-os daqui. — Então, claramente para minha mãe: — Isto ainda não é o fim, Niniane, prometo-lhe. Seis anos. É demais, por Deus! Venha, senhor.

Recolheu a capa com um braço, acenou com a cabeça para o filho ao descer do estrado e, tomando o braço do homem barbudo, encaminhou-se para a porta. Atrás dele, humilde como um cordeirinho, seguia a esposa, Ohven, com as damas e por último Dinias, que sorria. Minha mãe não se moveu. O Rei passou por ela sem olhar ou dizer palavra, e os presentes se dividiram entre ele e a porta como um restolhal sob a relha do arado.

Aquilo me deixou postado sozinho, pregado ao chão, os olhos arregalados, a três passos da porta. Quando o Rei avançou para mim, despertei e voltei-me para escapulir para a sala de espera, mas não fui suficientemente rápido.

Ele parou abruptamente, largando o braço de Gorlan e virou-se para mim. A capa azul rodopiou e uma ponta do tecido atingiu-me o olho, fazendo-o lacrimejar. Pisquei para ele. Gorlan parara ao seu lado. Ele era mais novo que meu tio Dyved. Estava com raiva também, mas ocultava-a, e a raiva não era dirigida a mim. Parecia surpreso quando o Rei parou, e perguntou:

— Quem é esse?

— O filho dela, a que Sua Alteza iria dar um nome — respondeu meu avô, e o ouro do seu bracelete faiscou ao levantar a grande mão e derrubar-me ao chão, com a facilidade com que um menino achataria uma mosca. Então o manto azul passou por mim, e as botas do Rei, e logo a seguir as de Gorlan, sem parar. Olwen disse alguma coisa na sua voz meiga e curvou-se para mim, mas o Rei chamou-a zangado, e a mão dela recuou e ela apressou-se a segui-lo com os outros.

Levantei-me do chão e procurei Moravik com o olhar, mas ela não estava lá. Encaminhara-se diretamente para minha mãe e nem mesmo me vira. Comecei a abrir caminho pelo rebuliço do salão, mas antes que pudesse alcançar minha mãe, as mulheres, num grupo compacto e silencioso ao seu redor, saíram pela outra porta. Ninguém olhou para trás.

Alguém falou comigo, mas não respondi. Corri pela colunata, atravessei o pátio principal e saí novamente para a luz e o silêncio do pomar.

Meu tio encontrou-me no terraço de Moravik.

Eu estava deitado de bruços sobre as lajotas quentes, observando um lagarto. De todo aquele dia essa é minha lembrança mais forte; o lagarto, esticado na pedra quente a poucos centímetros do meu rosto, o corpo imóvel como o bronze esverdeado, exceto pela garganta

que pulsava. Tinha olhos pequenos e escuros, não mais brilhantes que a ardósia e o interior da boca era da cor de melão. A língua, comprida e pontuda, projetava-se para fora, rápida como um chicote, e seus pés produziram um ruído miúdo e farfalhante nas pedras ao passar sobre meu dedo e desaparecer numa brecha das lajotas.

Virei a cabeça. Meu tio Camlach vinha pelo pomar.

Subiu os três degraus rasos que levavam ao terraço, os passos macios nas elegantes sandálias de tirantes, e ficou parado a observar-me. Afastei o olhar. Do musgo, entre as pedras, saíam florinhas minúsculas, não maiores que os olhos do lagarto, e perfeitas como um cálice esculpido. Até hoje me lembro do seu desenho tão bem como se eu próprio as tivesse esculpido.

— Deixe-me ver — disse ele.

Não me movi. Ele atravessou o terraço para o banco de pedras e sentou-se de frente para mim, os joelhos afastados, as mãos pendendo entrelaçadas.

— Olhe para mim, Merlin.

Obedeci. Ele estudou-me em silêncio por algum tempo.

— Estou sempre ouvindo dizer que você não gosta de brincadeiras violentas, que foge de Dinias, que nunca se tornará um soldado, nem mesmo um homem. No entanto, quando o Rei o derruba com um tapa que teria mandado um dos seus veadeiros a ganir para o canil, você não solta um ai nem derrama uma lágrima.

Não respondi.

— Acho que talvez você não seja exatamente o que dizem, Merlin.

Ainda nada.

— Sabe por que Gorlan veio hoje? Achei melhor mentir.

— Não.

— Veio pedir a mão de sua mãe. Se ela tivesse consentido, você teria ido com ele para a Bretanha.

Encostei o dedo numa das florinhas. Desmanchou-se como uma esponjinha e desapareceu. Experimentalmente, toquei noutra. Camlach disse, então, com mais rispidez do que a que geralmente usava comigo.

— Você está-me ouvindo?

— Estou. Mas, se ela o recusou, isso não fará diferença. — Ergui os olhos. — Fará?

— Você quer dizer que não quer ir? Eu teria pensado... — Franziu as sobrancelhas claras, tão parecidas com as do meu avô. — Você seria tratado com todas as honrarias, seria um príncipe.

— Sou um príncipe agora. Tão príncipe quanto jamais poderei ser.

— O que quer dizer com isso?

— Se ela o recusou, — disse eu, — ele não deve ser meu pai. Pensei que era. Pensei que fosse por isso que ele tinha vindo.

— O que o fez pensar isso?

— Não sei. Parecia... — Parei. Não podia explicar a Camlach o clarão de luz em que o nome de Gorlan me ocorrera. — Apenas pensei que deveria ser.

— Só porque você tem estado à espera dele todo esse tempo.

— Sua voz era calma. — Essa espera é insensata, Merlin. Já é tempo de enfrentar a verdade. Seu pai está morto.

Deixei cair a mão sobre o tufo de musgo, esmagando-o. Vi a carne dos meus dedos empalidecer com a pressão.

— Ela lhe disse isso?

— Não. — Ele ergueu os ombros. — Mas, se ainda estivesse vivo, teria aparecido há muito tempo. Você deve saber disso.

Fiquei calado.

— E se não estiver morto — continuou meu tio, observando-me — e ainda assim nunca apareceu, certamente não poderá constituir motivo de dor para ninguém.

— Não, exceto que, por mais indigno que fosse, poderia ter poupado alguma coisa à minha mãe. E a mini.

Ao mover minha mão, o musgo aprumou-se outra vez como se crescesse. Mas as florinhas tinham desaparecido. Meu tio concordou.

— Ela teria sido mais inteligente, talvez, em ter aceito Gorlan ou outro príncipe.

— O que acontecerá conosco? — perguntei.

— Sua mãe deseja entrar para o Convento de São Pedro. E você... você é perspicaz e inteligente e me disseram que sabe ler um pouco. Poderia ser padre.

— Não!

Suas sobrancelhas cerraram outra vez sobre a ponte estreita do nariz.

— É uma vida bastante boa. Você não tem fibra de guerreiro, isto é certo. Por que não abraçar uma vida que lhe assente e onde estará seguro?

— Não preciso ser guerreiro para querer permanecer livre! Ficar trancado num lugar como São Pedro — não é a maneira... — Parei. Falava com veemência, mas senti faltarem-me as palavras. Não conseguia explicar uma coisa que eu próprio ignorava. Ergui os olhos, ansioso. — Ficarei com o senhor. Se não me puder usar, eu... eu fugirei para servir um outro príncipe. Mas preferia ficar com o senhor.

— Bem, ainda é cedo para falar dessas coisas. Você é muito nova — Levantou-se. — Seu rosto está doendo?

— Não.

— Deveria mandar examiná-lo. Venha comigo agora.

Estendeu a mão e eu o acompanhei. Conduziu-me pelo pomar e então atravessou o arco que abria para o jardim particular do meu avô.

Resisti, puxando sua mão para trás.

— Não tenho permissão para entrar aí.

— Comigo, certamente. Seu avô está com os hóspedes, não o verá. Venha. Tenho uma coisa melhor para você do que frutas derrubadas pelo vento. Eles estiveram a colher os damascos e separei os melhores das cestas quando descí.

Ele seguiu em frente com seu andar gracioso de felino, pelas limas e a lavanda, até onde se encontravam os damasqueiros e os pessegueiros crucificados contra a muralha alta, frente ao sol. O local tinha um cheiro soporífico de ervas e frutos e os pombos arrulhavam no pombal. Aos meus pés achava-se um damasco maduro, como um pedaço de veludo ao sol. Empurrei-o com o dedão até conseguir rolá-lo e do outro lado havia um grande furo apodrecido, cheio de vespas. Uma sombra projetou-se sobre ele. Meu tio agigantava-se junto a mim com um damasco em cada mão.

— Disse-lhe que tinha algo melhor que frutas caídas. Aqui. — E me deu um. — E, se lhe baterem por ter roubado, terão que me bater também. — Sorriu e mordeu o fruto que segurava.

Fiquei parado com o damasco grande e brilhante seguro na concha da mão. O jardim estava muito quente, parado e silencioso, exceto pelo zumbido dos insetos. O fruto refulgia como ouro e cheirava a sol e sumo doce. A casca parecia a penugem de uma abelha dourada. Fiquei com a boca cheia d'água.

— O que foi? — perguntou meu tio. Parecia nervoso e impaciente. O sumo do seu damasco escorria-lhe pelo queixo. — Não fique aí olhando, menino! Não há nada de errado com o damasco, há?

Olhei para cima. Os olhos azuis, astutos como os de uma raposa, fitaram os meus. Encarei-o de volta.

— Não quero. Está preto por dentro. Olhe, pode ver-se como se fosse transparente.

Ele inspirou com força como se fosse falar. Então ouviram-se vozes do outro lado da muralha; eram os jardineiros, provavelmente trazendo as cestas de frutas vazias prontas para o dia seguinte. Meu tio, curvando-se, arrebatou a fruta de minha mão e atirou-a para longe contra a parede. Ela abriu-se num esparramar de polpa dourada contra os tijolos e o sumo escorreu. Uma vespa espantada de uma árvore passou zumbindo por nós. Camlach afugentou-a com a mão num gesto estranho e brusco e exclamou numa voz que subitamente destilava veneno:

— Afaste-se de mim depois disso, seu filho do demônio. Está-me ouvindo? Afaste-se de mim.

Passou as costas das mãos pela boca e retirou-se a passos largos em direção à casa.

Fiquei onde estava, contemplando o sumo do damasco escorrer pela parede quente. Uma vespa pousou sobre o filete, arrastou-se pegajosamente, e de repente caiu de costas no chão, a zumbir. Seu corpo dobrou-se, o zumbido aumentou num lamento enquanto ela se debatia e

então imobilizou-se.

Eu mal vi, porque alguma coisa crescera em minha garganta até parecer sufocar-me e a tarde dourada flutuou brilhante nas minhas lágrimas. Essa foi a primeira vez na minha vida que me lembro de ter chorado.

Os jardineiros passavam pelas roseiras com as cestas à cabeça. Voltei-me e corri para fora do jardim.

Meu quarto estava vazio, e nem mesmo o cão-lobo lá estava. Subi na cama e apoiei os cotovelos no peitoril da janela, ficando ali por longo tempo, sozinho, enquanto do lado de fora os tordos cantavam nos galhos da pereira, e através da porta fechada chegava-me do pátio o martelar do ferreiro e o rangido do sarilho produzido pela mula ao rodear o poço.

Falha-me a memória neste ponto. Não consigo lembrar-me quanto tempo se passou até que a bulha e o zumbido de vozes me disseram que a refeição da noite estava sendo preparada.

Tampouco consigo lembrar-me o quanto estava magoado, mas quando Cerdic, o valete, empurrou a porta e eu voltei a cabeça, ele parou assustado, exclamando:

— Senhor, tende piedade de nós! O que andou fazendo? Brincando no curral?

— Caí.

— Oh, eu sei, você caiu. Não entendo por que o chão é sempre duas vezes mais duro para você do que para os outros! Quem foi? Aquele porquinho selvagem do Dinias?

Como não respondi, ele acercou-se da cama. Era um homem pequeno de pernas arqueadas, o rosto moreno vincado e um tufo de cabelo claro. De pé na cama, como estava, meus olhos ficaram quase ao nível dos dele.

— Vou-lhe dizer uma coisa — continuou ele. — Quando você for um tiquinho maior, vou-lhe ensinar umas duas coisas. Não é preciso ser grande para ganhar uma briga. Tenho uns truques que vale a pena conhecer, posso-lhe assegurar. É preciso, quando se é nanico. Digo-lhe que derrubo qualquer sujeito que tenha duas vezes o meu peso... e qualquer mulher também, é claro. — Ele riu, voltou a cabeça para cuspir, lembrou-se onde estava e, ao invés, pigarreou. — Não que você vá precisar dos meus truques uma vez crescido, um rapaz alto como é, nem para as moças tampouco. Mas é melhor dar uma olhada nesse seu rosto, se não quer assustar ninguém. Parece que vai ficar marcado. — Acenou a cabeça na direção do catre vazio de Moravik. — Onde está ela?

— Foi com minha mãe.

— Então é melhor você vir comigo. Vou dar um jeito nisso. Assim foi que o corte no malar foi tratado com unguento, e partilhei do jantar de Cerdic nos estábulos, sentado na palha, enquanto uma mula castanha me focinhava à procura de forragem e o meu pônei gorducho, com a corda toda esticada, acompanhava cada bocado que levávamos à boca. Cerdic devia ter um método próprio para as cozinhas também; os bolos estavam frescos, havia metade de uma perna de galinha para cada um, assim como toucinho salgado e cerveja saborosa e refrescante.

Quando voltou com a comida, vi pelo seu olhar que soubera de tudo. O palácio inteiro devia estar fervilhando. Mas ele nada disse, apenas me entregou a comida e sentou-se ao meu lado na palha.

— Contaram-lhe? — perguntei.

Ele assentiu com a cabeça, mastigando, e acrescentou com a boca cheia de pão e carne:

— Ele tem a mão pesada.

— Estava furioso porque ela se recusou a casar com Gorlan. Quer vê-la casada por minha causa, mas até hoje ela vem-se recusando a casar com todos os homens. E agora, desde que meu tio Dyved morreu e Camlach é o único que resta, eles convidaram Gorlan, da Bretanha Menor. Acho que meu tio Camlach persuadiu meu avô a convidá-lo, porque receia que ela se case com um príncipe galês...

Ele me interrompeu nesse ponto, parecendo surpreso e amedrontado.

— Psiu, criança! Como sabe de tudo isso? Tenho certeza de que os mais velhos não falam de assuntos de tal importância em sua presença. Só se é Moravik que fala o que não devia...

— Não. Não é Moravik. Mas sei que é verdade.

— Como, em nome do Trovão, você sabe tal coisa? Mexericos de escravos?

Dei o meu último pedaço de pão à mula.

— Se você jurar pelos deuses pagãos, Cerdic, você é que estará em apuros com Moravik.

— É mesmo. Essa espécie de apuros é muito fácil de arranjar. Vamos, quem é que tem estado a falar com você?

— Ninguém. Eu sei, é só. Não posso explicar como... E, quando ela recusou Gorlan, meu tio Camlach ficou tão furioso quanto meu avô. Teme que meu pai volte, case-se com ela e o expulse. Ele não admite isso para o meu avô, naturalmente.

— Naturalmente. — Ele estava com o olhar fixo e esquecera-se de mastigar, de modo que a saliva escorria-lhe pelo canto da h aberta. Engoliu apressado. — Os deuses sabem... Deus sabe de você ouviu tudo isso, mas poderia ser verdade. Bem, continue. A mula castanha me cutucava, fungando no meu pescoço. Afastei-a com a mão.

— É só isso. Gorlan está aborrecido, mas eles lhe darão alguma coisa E minha mãe acabará indo para São Pedro. Você vai ver.

Fez-se breve silêncio. Cerdic engoliu a carne e atirou o osso para o lado de fora do estábulo, onde uns vira-latas precipitaram-se sobre ele e saíram a correr numa luta de rosnados.

— Merlin...

— Que é?

— Seria prudente você não falar disso com mais ninguém. Ninguém. Entendeu?

Não respondi.

— Esses são assuntos que uma criança não compreende. Assuntos de alta importância. Bem, alguns são voz corrente, concordo com você, mas isso do príncipe Camlach... — Ele

apoiou a mão no meu joelho, apertou-o e sacudiu-o. — Vou-lhe dizer, ele é perigoso, aquele ali. Deixe estar e fique fora de vista. Não vou contar a ninguém, pode confiar em mim. Mas, você, você não deve falar mais. Já seria bastante ruim se você fosse um príncipe por direito de nascença, ou mesmo um favorito do Rei como aquela cria ruiva do Dinias, mas para você... — Sacudiu meu joelho outra vez. — Está prestando atenção, Merlin? Pela sua própria pele, fique calado e fora do caminho deles. E diga-me quem lhe contou tudo isso.

Pensei na gruta escura do hipocausto e no céu distante acima da chaminé.

— Ninguém me disse. Juro. — Quando ele emitiu um som de impaciência e preocupação, encarei-o de frente e contei-lhe tanto da verdade quanto ousei. — Tenho ouvido coisas, admito, às vezes, as pessoas falam sobre a nossa cabeça sem reparar que estamos presentes ou sem pensar que compreendemos. Mas outras vezes... — Fiz uma pausa... — É como se alguém falasse comigo, como se eu visse as coisas... E às vezes as estrelas me contam.. e há músicas e vozes na escuridão. Como sonhos...

Sua mão ergueu-se num gesto de proteção. Pensei que se fosse persignar, mas logo vi o sinal contra o mau-olhado. Ele pareceu envergonhado disso e deixou cair a mão.

— Sonhos, é o que são. Você tem razão. Você dormiu em algum canto, provavelmente, e conversaram sobre sua cabeça quando não deviam e você ouviu coisas que não devia. Estava-me esquecendo de que é apenas uma criança. Quando me encara com esses olhos... — Ele parou e encolheu os ombros. — Mas vai-me prometer que não vai falar mais sobre o que ouviu.

— Está bem, Cerdic. Prometo-lhe. Se você prometer contar-me uma coisa em troca.

— O que é?

— Quem era meu pai.

Ele engasgou com a cerveja. Então deliberadamente limpou a espuma, pousou o chifre e me encarou exasperado.

— Ora, como pôde pensar que sei isso?

— Achei que Moravik poderia ter-lhe contado.

— E ela sabe? — Pareceu tão surpreso que vi que dizia a verdade.

— Quando perguntei, ela apenas disse que havia coisas sobre as quais era melhor não falar.

— Ela tem razão. Mas, se você me perguntar, essa é a maneira dela de dizer que não sabe mais que o vizinho. E se me perguntar, jovem Merlin, embora você não o faça, isso é outra das coisas em que é melhor não se meter. Se a senhora sua mãe quisesse que você soubesse, ela lhe diria. Você vai descobrir bem cedo, imagino eu.

Vi que estava fazendo o sinal novamente, embora desta vez escondesse a mão. Abri a boca para perguntar se dava crédito às histórias, mas ele apanhou o chifre em que bebia e pôs-se de pé.

— Tenho a sua promessa. Lembra-se?

— Sim.

— Venho observando você. Você segue seu caminho e às vezes penso que está mais perto da natureza dos homens. Sabe que ela lhe deu o nome de um falcão?

Acenei a cabeça.

— Bem, aí está uma coisa para você refletir. É melhor esqueci-os falcões, por ora. Há muitos por aí, demais, verdade seja dita. Você já observou o pombo torcaz, Merlin?

— Esses que bebem na fonte com os pombos brancos e voam livremente? Claro que sim. Dou-lhes comida no inverno juntamente com os outros pombos.

— Costumavam dizer no meu país que o pombo torcaz tem muitos inimigos, porque sua carne é doce e seus ovos, saborosos. Mas ele vive e prospera porque foge. Lady Niniane pode tê-lo chamado de pequeno falcão, mas você ainda não é um falcão, jovem Merlin. É apenas um pombo. Lembre-se disso. Viva, mantendo-se quieto e fugindo. Anote minhas palavras. - Ele acenou a cabeça ti e estendeu a mão para erguer-me. . O corte ainda dói?

— Arde.

— Então está sarando. O ferimento não é de causar preocupação, vai passar logo.

E passou realmente, sem infeccionar, nem deixar marca. Mas lembro-me de como doeu aquela noite, deixando-me acordado, de modo que Cerdic e Moravik ficaram quietos no outro canto do quarto, receosos, suponho eu, de que fosse devido aos seus murmúrios que eu colhesse minhas informações.

Depois que adormeceram, saí devagarinho, passei pelo cão-lobo que sorria e corri para o hipocausto.

Mas naquela noite não ouvi nada que valesse a pena lembrar, exceto a voz de Olwen, meiga como a de um melro, entoando uma canção que eu nunca ouvira antes, sobre um ganso selvagem e um caçador com uma rede de ouro.

Depois disso, a vida voltou à sua tranqüilidade rotineira e creio que meu avô deve ter finalmente aceitado a recusa de minha mãe de casar-se. As coisas permaneceram tensas entre eles por uma semana, se tanto, mas com Camlach em casa, e acomodado como se nunca tivesse deixado o local — e com a aproximação de uma boa temporada de caça — o Rei esqueceu os ressentimentos e as coisas se normalizaram.

Exceto talvez para mim. Depois do incidente no pomar. Camlach já não saía do seu caminho para me favorecer, nem eu para segui-lo. Mas ele não era de todo mau para comigo, e uma ou duas vezes defendeu-me em brigas com os outros meninos e tomou mesmo o meu partido contra Dinias, que me substituíra nas suas graças.

Mas eu já não precisava dessa espécie de proteção. Aquele dia de setembro ensinara-me outras lições além das de Cerdic sobre o pombo torcaz. Eu me encarregava de Dinias sozinho. Certa noite, engatinhando sob seu quarto, a caminho da minha gruta, aconteceu-me ouvi-lo e a seu companheiro Brys rirem-se a propósito de uma incursão naquela tarde em que os dois haviam seguido o amigo de Camlach, Alun, num encontro com uma das criadas, e ficaram escondidos espreitando e escutando até o doce final. Quando Dinias me atacou de surpresa na manhã seguinte, enfrentei-o e — citando uma frase ou outra — perguntei-lhe se já teria visto Alun naquele dia. Ele arregalou os olhos, enrubescou, empalidecendo em seguida (pois Alun tinha a mão pesada e um gênio à altura), e então saiu sorrateiramente, fazendo o sinal às suas costas. Se ele preferia pensar que era mágica em vez de simples chantagem, que pensasse. Depois disso, se o Suserano em pessoa tivesse reivindicado a minha paternidade, nenhuma das crianças lhe teria dado crédito. Deixaram-me em paz.

O que era tanto melhor, pois durante aquele inverno parte do assoalho da casa de banhos desmoronou, e meu avô, considerando a coisa toda perigosa, mandou aterrá-la e deitar veneno contra ratos. Portanto, como um lobinho desentocado da terra, com fumaça, tive que me defender sozinho na superfície.

Cerca de seis meses após a visita de Gorlan, entre o fim de um fevereiro frio e o desabrochar de março, Camlach começou a insistir primeiro com minha mãe e a seguir com meu avô, em que me fosse ensinado a ler e escrever. Minha mãe, creio eu, ficou agradecida por essa evidência do seu interesse por mim; eu próprio me alegrei e tive o cuidado de demonstrá-lo, embora depois do incidente no pomar não pudesse guardar ilusões sobre seus motivos. Mas não fazia mal algum deixar Camlach pensar que meus sentimentos a respeito da vida sacerdotal tivessem sofrido uma mudança. A declaração de minha mãe de que nunca se casaria, a par de um maior retiro junto às suas damas e as visitas frequentes a São Pedro para conversar com a Abadessa e os padres que visitavam a comunidade, eliminaram seus piores receios de que ela viesse a casar-se com um príncipe galês que pudesse alimentar esperanças de conquistar o reino por direito de casamento, ou que o meu pai desconhecido viesse reivindicá-la, legitimar-me e provar ser um homem de posição e poder que o pudesse suplantar pela força. Não se preocupava Camlach com que, em qualquer dos casos, eu

representasse algum perigo para si, e agora menos que nunca, visto que ele tomara uma esposa antes do Natal, a qual já em princípios de março aparentava estar grávida. Mesmo a gravidez cada vez mais óbvia de Olwen não o ameaçava, pois Camlach gozava de alto conceito junto ao Rei e não era provável que um irmão tão mais novo viesse a representar grave perigo. Não poderia haver dúvidas, Camlach tinha um passado de lutas, sabia fazer com que os homens o apreciassem, era implacável e ao mesmo tempo sensato. A crueldade transparecia no que tentara fazer comigo no pomar; a sensatez, na sua bondade indiferente, uma vez que a decisão de minha mãe removera uma ameaça para ele. Mas reparei isso nos homens ambiciosos ou de poder: temem até a menor e mais improvável das ameaças. Ele nunca teria descanso enquanto não me visse ordenado e seguro fora do palácio.

Quaisquer que fossem seus motivos, fiquei satisfeito quando chegou o meu preceptor. Era um grego que fora escriba em Massília até que, endividando-se com a bebida, se tornara escravo; agora tora destacado para o meu serviço e, como estivesse grato pela mudança de condição e aliviado do trabalho braçal, ensinava-me bem, sem a parcialidade religiosa que prejudicava os ensinamentos dos padres amigos de minha mãe. Demetrius era um homem agradável e inteligente, com talento para as línguas e cujas únicas diversões eram o jogo de dados e, quando ganhava, a bebida. Às vezes, quando ganhava o bastante, eu o encontrava feliz e inutilizado a dormir sobre os livros. Nunca falei a ninguém dessas ocasiões e, na verdade, ficava satisfeito com a oportunidade de tratar dos meus próprios assuntos; ele, por sua vez, era grato pelo meu silêncio, e quando eu, alguma vez, fazia gazeta, ele se calava e não procurava saber onde eu estivera. Eu era rápido em recuperar-me nos estudos e apresentava um progresso mais do que suficiente para satisfazer minha mãe e Camlach, de modo que Demetrius e eu respeitávamos os nossos segredos mútuos e nos dávamos toleravelmente bem.

Certo dia de agosto, quase um ano depois da visita de Gorlan à corte do meu avô, deixei Demetrius curando tranqüilamente sua ressaca e cavalguei sozinho pelas montanhas atrás da cidade.

Estivera por aqueles lados diversas vezes. Era mais rápido subir passando pelas muralhas do quartel e então tomar a estrada militar para leste através das montanhas para Caerleon, mas isso significava atravessar a cidade e talvez ser visto e interpelado. O caminho que tomei seguia margeando o rio. Havia um portão não muito usado, que saía diretamente dos nossos estábulos para a trilha larga e plana por onde passavam os cavalos que rebocavam as barcaças e que acompanhava o rio por longa distância; passava por São Pedro e contornava os meandros tranqüilos do Tywy até o moinho, onde chegavam as barcaças. Eu nunca passara desse ponto, mas havia uma trilha que continuava além do moinho até à estrada e seguia pelo vale do rio tributário que ajudava a mover o moinho.

Era um dia quente e sonolento, com o ar cheirando a mato. Libélulas azuis esvoaçavam brilhantes sobre o rio e as grinaldas-de-noiva formavam um tapete espesso sob as nuvens de moscas.

As patas seguras do meu pônei batiam de leve na argila cozida do caminho de reboque. Encontramos um grande cavalo malhado a arrastar vagaroso uma barcaça vazia do moinho a favor da corrente. O menino encarrapitado no seu lombo gritou um cumprimento e o homem da barcaça fez com a mão um aceno.

Quando alcancei o moinho, não havia ninguém à vista. Sacos de grão, recém-descarregados, empilhavam-se no cais estreito. Ao lado deles, deitara-se esparramado sob o sol quente o cão do moleiro, que mal abriu um olho quando parei o cavalo à sombra da casa. No alto, o estirão longo e reto da estrada militar estava vazio. A corrente precipitava-se por uma galeria subterrânea e vi uma truta saltar brilhante em meio à espuma.

Passar-se-iam horas antes que dessem pela minha ausência. Coloquei o pônei no barranco apontado para a estrada, venci a breve luta quando ele tentou virar-se para voltar para casa, e então incitei-o a um meio galope pela trilha que seguia rio acima para as colinas.

A trilha dava voltas e mais voltas a princípio, galgando o lado íngreme do rio, e então deixava para trás as figueiras e carvalhos finos que cobriam a ravina e continuava em direção ao norte, numa curva suave e plana, ao longo da encosta descampada.

Ali os aldeões apascentavam seu gado, de modo que o capim era macio e rente. Passei a trote por um pastorzinho sonolento sob uma moita de espinheiro, perto das ovelhas; era um menino simples e humilde e apenas me olhou, distraído, tateando a pilha de seixos com os quais controlava suas ovelhas. Quando passamos, apanhou um deles, um seixo liso e verde, e fiquei a imaginar se o iria atirar em mim, mas ao invés usou-o para fazer voltar umas ovelhas gordas que se afastavam demasiado enquanto pastavam e retomou os seus sonhos. Havia algum gado negro um pouco adiante no pasto, mais abaixo junto ao rio, onde o capim crescia alto, mas não consegui ver o peão. Distante, ao pé da montanha, minúscula ao lado de um casebre minúsculo, vi uma moça com um bando de gansos.

Daí a pouco, a trilha começou a subir novamente, e meu pônei diminuiu a marcha, escolhendo o caminho por entre árvores esparsas. As aveleiras estavam coalhadas de frutos, sorveiras e urzes cresciam entre pedras cobertas de musgo e as samambaias chegavam à altura do peito. Coelho corria por toda parte, disparando por entre os fetos e dois gaios ralhavam com uma raposa, seguros no alto de um carpino balouçante. A terra estava dura demais, suponho eu, para se deixarem rastros, mas não vi nenhum sinal de samambaias esmagadas nem de galhos partidos que indicasse ter qualquer outro cavaleiro passado recentemente por aquelas paragens.

O sol ia alto. Uma brisa leve passava pelos espinheiros, fazendo chocalhar os frutinhas verdes e duros. Incitei o pônei a prosseguir. Agora, entre os carvalhos e azevinhos surgiam pinheiros, os troncos avermelhados à luz do sol. O chão tornava-se mais acidentado à medida que a trilha subia, projetando-se do relvado pedras cinzentas e nuas e um rendilhado de tocas de coelho. Eu não sabia onde terminaria a trilha, não sabia coisa alguma, exceto que estava só e livre. Nada havia que me indicasse que espécie de dia seria aquele ou que estrela me guiaria montanha acima. Isto aconteceu em época anterior àquela em que o futuro se tornou claro para mim.

O pônei hesitou, e voltei a mim. Havia uma bifurcação na trilha sem nenhuma indicação de qual seria a melhor a seguir. Tanto a direita quanto a esquerda contornavam um bosque.

O pônei voltou-se decidido para a esquerda, já que era uma descida. Eu o teria deixado prosseguir, só que naquele instante um pássaro passou voando baixo pela trilha à minha frente, da esquerda para a direita, e desapareceu entre as árvores. Asas pontiagudas, um relampejo de ferrugem e azul acinzentado, os olhos escuros e intensos, o bico curvado de um falcão. Sem

razão alguma, exceto que aquela seria melhor que nenhuma razão, voltei a cabeça do pônei naquela direção e meti os calcanhares no animal.

A trilha subia numa curva suave, deixando o bosque para a esquerda. Ali a vegetação era principalmente formada por pinheiros, densamente agrupados e escuros, e tão maciços que uma pessoa só poderia abrir caminho pela mata com um machado. Ouvi um bater de asas quando um pombo torcaz saiu do abrigo, mergulhando invisível para o lado mais distante das árvores. Seguira para a esquerda. Desta vez, segui o falcão.

Estávamos agora fora do campo de visão do vale e da cidade. O pônei escolhia o caminho pelo lado de um vale raso, ao pé do qual corria um riacho estreito e rápido. Do lado oposto da corrente a encosta relvada subia até os seixos e acima apareciam as rochas azuis e cinzentas ao sol. A encosta por onde eu cavalgava estava pontilhada de espinheiros que projetavam poças de sombra oblíqua e, mais acima, outra vez seixos e rochedos cobertos de hera, onde as gralhas rodopiavam e gritavam na luminosidade do ar. Afora a algazarra dos pássaros, o vale apresentava a mais completa quietude.

Os cascos do pônei ecoavam na terra cozida. Fazia calor e eu sentia sede. Agora a trilha corria sob um rochedo baixo, de uns seis metros, talvez, enquanto na sua base uma moita de espinheiros projetava sombras no caminho. Em algum lugar próximo, acima de mim, eu ouvia um filete de água a correr.

Parei o pônei e desci. Levei-o para a sombra do espinheiro e amarrei-o; então, corri os olhos ao redor à procura da fonte de água.

A rocha junto à trilha estava seca e abaixo da trilha não havia sinal algum de água que corresse para engrossar o rio ao pé do vale. Mas o som de água corrente era contínuo e inconfundível. Deixei a trilha e subi pelo relvado que ladeava a pedra para encontrar-me num pequeno relvado seco, salpicado de dejetos de coelhos, e ao fundo outra face de rochedo.

Nessa face do rochedo havia uma gruta. A entrada arredondada era um tanto pequena e bastante regular, quase como um arco construído. Do lado direito, estando eu de frente, havia uma encosta de pedras há muito caídas do alto, coberta de carvalhos e sorveiras cujos galhos pendentes sombreavam a gruta. Do outro lado, a pouca distância do arco, encontrava-se a fonte.

Aproximei-me. Era pequenina, um movimento quase imperceptível de água a escorrer de um sulco na face do rochedo, caindo por um filete contínuo numa bacia redonda de pedra. Não transbordava. Provavelmente a água saía da rocha, caía na bacia e escorria por outra brecha, indo juntar-se por fim ao rio lá embaixo. Através da água transparente eu via cada seixinho, cada grão de areia no fundo da bacia. Fetos cresciam no alto, havia musgo na horda e relva verde e úmida na base.

Ajoelhei-me na relva e já aproximava os lábios da água quando -' uma caneca. Estava metida num pequeno nicho entre os fetos. Media um palmo e era feita de chifre marrom. Ao erguê-la, vi acima, semi-oculta pelos fetos, uma pequena escultura de madeira representando um deus. Reconheci-o. Já o vira sob o carvalho em Tyr Myrddin. Ali estava ele, no alto de sua colina, ao ar livre.

Enchi a caneca e bebi, deixando cair no chão algumas gotas para o deus.

E entrei na gruta.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Trilogia de Merlin"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).